



A escola já foi pensada de muitas maneiras. Há tratados que a definem como instituição central na organização das sociedades, responsável por estruturar a transmissão de conhecimentos, valores e modos de vida. Mas ela é também atravessada pela vida de quem a habita. Não é apenas um sistema: é um lugar de experiência, onde pessoas se transformam, aprendem, desaprendem, se destacam. Há sempre movimento, mesmo quando suas formas parecem estáveis.

Ao afirmar a possibilidade de uma “escola viva”, não se trata de expandir o modelo existente, mas de deslocá-lo. O termo, proposto por Dua Busê, da Escola Shubu Hiwea Huni Kuí, nomeia um modo de aprendizagem em que conhecer não se separa de viver. O saber não aparece como algo externo a ser acumulado, mas como algo que se produz e se partilha nas relações com o território, com o corpo, com o tempo e com os outros – transmitindo-se no uso, na prática, na convivência, atravessando gerações e se transformando à medida que é vivido.

Correalizada com a Associação Selvagem, a mostra *Viva Viva Escola Viva* reúne artes e pensamentos das Escolas Vivas, um movimento de apoio

ao fortalecimento e à transmissão de saberes tradicionais em territórios indígenas. Com a coordenação geral de Cristine Takuá, o projeto inclui atualmente cinco Escolas Vivas, dos povos Maxakali, Huni Kuí, Tukano, Desana, Tuyuka, Guarani e Baniwa, cada uma conduzida por seus coordenadores: Sueli Maxakali e Isael Maxakali; Dua Busê e Teresa Netê Huni Kuí; Carla Wisu, João Paulo Tukano e Ivan Tukano; Carlos Papá; Francisco Fontes Baniwa e Francly Baniwa. Essas experiências acontecem nas aldeias, nos territórios, como parte da vida cotidiana, e não se limitam ao espaço expositivo. A mostra realizada no Instituto Tomie Ohtake torna visível uma parte desse processo mais amplo, que segue em curso.

A exposição reúne diferentes linguagens e expressões que emergem dos territórios e de seus saberes tradicionais. Por meio de oficinas, residências artísticas, vivências e conhecimentos próprios de cada

Escola Viva, as obras demonstram as singularidades e a diversidade nos modos de viver e fazer de cada povo.

Parte das obras apresentadas nesta exposição, que é resultado de anos de trabalho das Escolas Vivas, foi produzida através de processos colaborativos, fundamentados nas culturas e conhecimentos ancestrais dessas comunidades. Essas dinâmicas estabelecem um campo de encontro e escuta no qual diferentes práticas e cosmologias se articulam, desenvolvendo novas propostas nas formas de fazer arte e, consequentemente, de conceber exposições.

Com a missão de seguir nesse mesmo sentido, o Instituto Tomie Ohtake reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade cultural e com a promoção de práticas artísticas que ampliem os modos de criar, pensar e compartilhar conhecimento.

O Instituto Tomie Ohtake agradece ao povo das aldeias, aos artistas,

às lideranças e aos coordenadores, que atuam em seus territórios fortalecendo vínculos e sustentando a continuidade de suas culturas; e ao Ministério da Cultura, pela viabilização da exposição *Viva Viva Escola Viva*, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). A mostra é realizada pelo Instituto Tomie Ohtake em parceria com a Associação Selvagem e conta com apoio do Nubank, nosso mantenedor institucional, e patrocínio do Achê Laboratórios Farmacêuticos, na cota Prata.

Instituto Tomie Ohtake

# ESCOLAS VIVAS

*Uma canoa da transformação, uma palmeira (pindó), pilar da Terra. Cada Escola Viva planta uma possibilidade de transformação e de sustentar mundos.*

As Escolas Vivas são um movimento indígena para o fortalecimento e a transmissão de saberes tradicionais. Atualmente, cinco centros realizam essas ativações nos próprios territórios, buscando promover o acordamento de memórias e tradições.

Na Associação Selvagem, cultivamos estudos e atividades por meio de uma rede colaborativa que conecta vozes e entrelaça conhecimentos. A origem da Selvagem se deve à experiência de trabalho e às articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas.

O movimento Escolas Vivas é coordenado por mim, Cristine Takuá. Sou educadora, mãe, parceira e pensadora. Com meu companheiro Carlos Papá, meus filhos, Kauê e Djeguaka, e minhas filhas de criação, Yryapua, Pará, Yva, Jera e Xapyá, habito a Terra Indígena Rio Silveira do Povo Guarani Mbya.

Cultivo um diálogo constante com cada centro, buscando manter viva uma rede de partilhas, e compartilho, em textos publicados no *Diário de Aprendizagem da Selvagem*, as vivências junto às Escolas Vivas Shubu Hiwea, do povo Huni Kuí; Apne Ikkot Hämhipak, do povo Maxakali; Arandu Porã, do povo Guarani; Bahserikowi, dos povos Tukano, Desana e Tuyuka; e Madzerokai, do povo Baniwa.

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto à Associação Selvagem, grande semeadora de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda prevalece em muitos contextos.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas e enquadradas pelas formas de transmissão de

saberes das escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar. Os atos de ouvir, sentir, dialogar e respeitar o tempo transformam e curam.

O primeiro momento das Escolas Vivas foi o *tempo do despertar*, em que a maioria delas se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a violência da colonização.

O segundo momento foi o *tempo do respiro*. Após os primeiros anos de apoio, foi possível entender que os caminhos para a manutenção dos projetos estavam abertos, e cada grupo passou a se concentrar nas ações coletivas em seus territórios e comunidades. O respiro veio da sensação de acolhimento e da percepção de tudo que era possível transformar nas ações diárias, a partir de cada realidade vivida junto ao apoio recebido. O respiro veio ainda da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte, junto a crianças, jovens e anciãos.

À medida que cada representante e suas comunidades foram se reconhecendo como Escolas Vivas ativas, começaram a viver o *tempo da abundância*. Nele, cada coletivo ativo começou a transformar seu território e ver os sonhos se tornando realidade.

Foi possível realizar grandes ações e intercâmbios entre as cinco Escolas Vivas. Entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, a primeira exposição *Viva Viva Escola Viva* aconteceu no Rio de Janeiro, reunindo artes, medicina e pensamentos. Em outubro de 2025, dois artistas de cada Escola Viva se reuniram no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) para a residência artística Casa Escola Viva, em quinze dias de criação e partilhas. Agora, em junho de 2026, em São Paulo, nasce uma nova exposição *Viva Viva Escola Viva*.

As Escolas Vivas se afirmam como um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente útil e necessário na troca constante de saberes que

são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados numa escola clássica e quadrada. A arte das Escolas Vivas não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura.

A exposição *Viva Viva Escola Viva*, agora em sua segunda edição, comunica ao mundo a existência da resistência e a força da cultura, na forma da transmissão de saberes entre gerações e comunidades. Através do encontro entre os coordenadores das cinco Escolas Vivas, será possível que cada espaço-território compartilhe suas experiências e desafios e assim, juntos, se fortaleçam.

A cura da terra; a força dos cantos; memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais; as oralidades das muitas narrativas sobre os seres-espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra; o respeito às medicina tradicionais; a preservação do caminho do bem viver, para existir e viver em equilíbrio – esses são os muitos sonhos que cada integrante das Escolas Vivas anseia.

E, seguindo o futuro das Escolas Vivas, sonhamos viver o *tempo das memórias vivas e ativas*, num fluxo constante de trocas e interações sensíveis com todas as formas de vida.

Esta exposição pretende trazer o eco da força ancestral que habita nas muitas formas de transmitir conhecimento. Com a possibilidade de ver e sentir cada mensagem que os membros das Escolas Vivas vão soprar nesses dias, todos terão a possibilidade de conectar-se com a essência da nossa ação coletiva. Povos das florestas Nhe'ëry e Amazônia serão os artistas e os mestres que, com beleza e sensibilidade, estarão soprando pensamentos, artes e encantos para o mundo.

VIVA, VIVA, ESCOLA VIVA!

**Cristine Takuá**  
Coordenadora do movimento Escolas Vivas

**Frank Baniwa**  
*Conexões entre mundos*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
150 x 205 cm  
FOTO: RICARDO MYADA



Atravessamos rios, céus, estradas e um mundo em combustão para chegarmos *aqui e agora*. As artes que estão *aqui e agora*, no Instituto Tomie Ohtake, atravessaram lugares bem mais remotos, vieram das origens de mundos que não perderam seus fios de memória. Essas origens de mundos estão vivas nas Escolas Vivas Guarani, Maxakali, Huni Kuí, Baniwa e Tukano-Desana-Tuyuka.

*Aqui e agora* estão fibras de tucuns nascidos e criados no Alto Rio Negro, e também o umbigo do mundo trançado pelas mãos de mulheres Baniwa, donas de roçado e parceiras.

*Pytã, o Escuro*, tem uma casa nessa sala, e é uma casa Guarani. *Pytã* é a origem de todas as coisas – é o escuro intenso de onde pode surgir o primeiro suspiro, o primeiro ser, a primeira vida.

Há *mimãñans* dando as coordenadas precisas de *aqui e agora* para que sejamos avistados pelos espíritos que se apresentam nos rituais Maxakali.

*Aqui e agora* há um pano professor do povo Huni Kuí, com *kenes* ensinados pela Jiboia Siriani em tempos imemoriais. *Kenes* são muito mais que desenhos ou grafismos indígenas: são leituras de pulsares, são presença, são arte, são cura e são transmissão de saber, tudo ao mesmo tempo, na mesma expressão geométrica.

Plantas medicinais também estão *aqui e agora*, trazidas pela Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka. São elixires e bálsamos amazônicos formulados com o poder de potencializar a complexa química da vida.

Esculturas, pinturas e desenhos não são objetos, muito menos representações – são rezas que dialogam com o invisível do qual participamos.

*Aqui e agora* é o cruzamento tempo-espaco que cria continuamente o presente. Estamos felizes por colaborar para tantas presenças *aqui e agora*.

Somos a Associação Selvagem, correalizadora da exposição *Viva Viva Escola Viva*. Somos uma organização não governamental que envolve um ciclo de estudos sobre a vida, o movimento indígena das Escolas Vivas e uma rede colaborativa voltada a aprendizagens e traduções entre mundos.

Desde 2018, estudamos, registramos, produzimos, compartilhamos e apoiamos saberes indígenas, compondo diálogos entre ciências e artes. Selvagem é a confluência de trajetórias de vidas ainda mais antigas, profundamente envolvidas com aprendizagens entre culturas e entre espécies.

Nesses estudos e trajetórias, aprendemos que inúmeros *aqui e agora* desenham a vida como uma serpente que ciclicamente se renova, comendo a própria cauda. A presença é um ato contínuo, uma confirmação que passa por dentro dos corpos.

Por isso, Cristine Takuá, a coordenadora das Escolas Vivas, chama o projeto de *movimento*. E, por isso, buscamos a continuidade de nossas ações articulando e renovando, sem data para acabar, o apoio mensal às cinco Escolas Vivas, iniciado em 2023.

Agradecemos a quem acessa nossos materiais de estudo, a quem colabora, a quem participa, aos institutos e às pessoas que apoiam a continuidade da Associação Selvagem. *Aqui e agora*, agradecemos ao Instituto Tomie Ohtake, ao Paulo Miyada, que iniciou esse diálogo, à Gabriela Moulin, ao Fábio Santiago, à Ana Roman, às pessoas incríveis que trabalham para que ele exista.

*Aqui*, um edifício em forma de cobra-coral que suspende o céu sobre São Paulo.

*Agora*, a saudação animada: Viva, viva, escola viva!

Associação Selvagem

**Carlos Papá**  
*Kuaray Jaxy Qambare Joguevaa Hague* (Subindo para a morada sagrada), 2023  
Tinta acrílica sobre tela  
79 x 118 cm  
FOTO: PEPÉ SCHETTINO



# SHUBU HIWEA

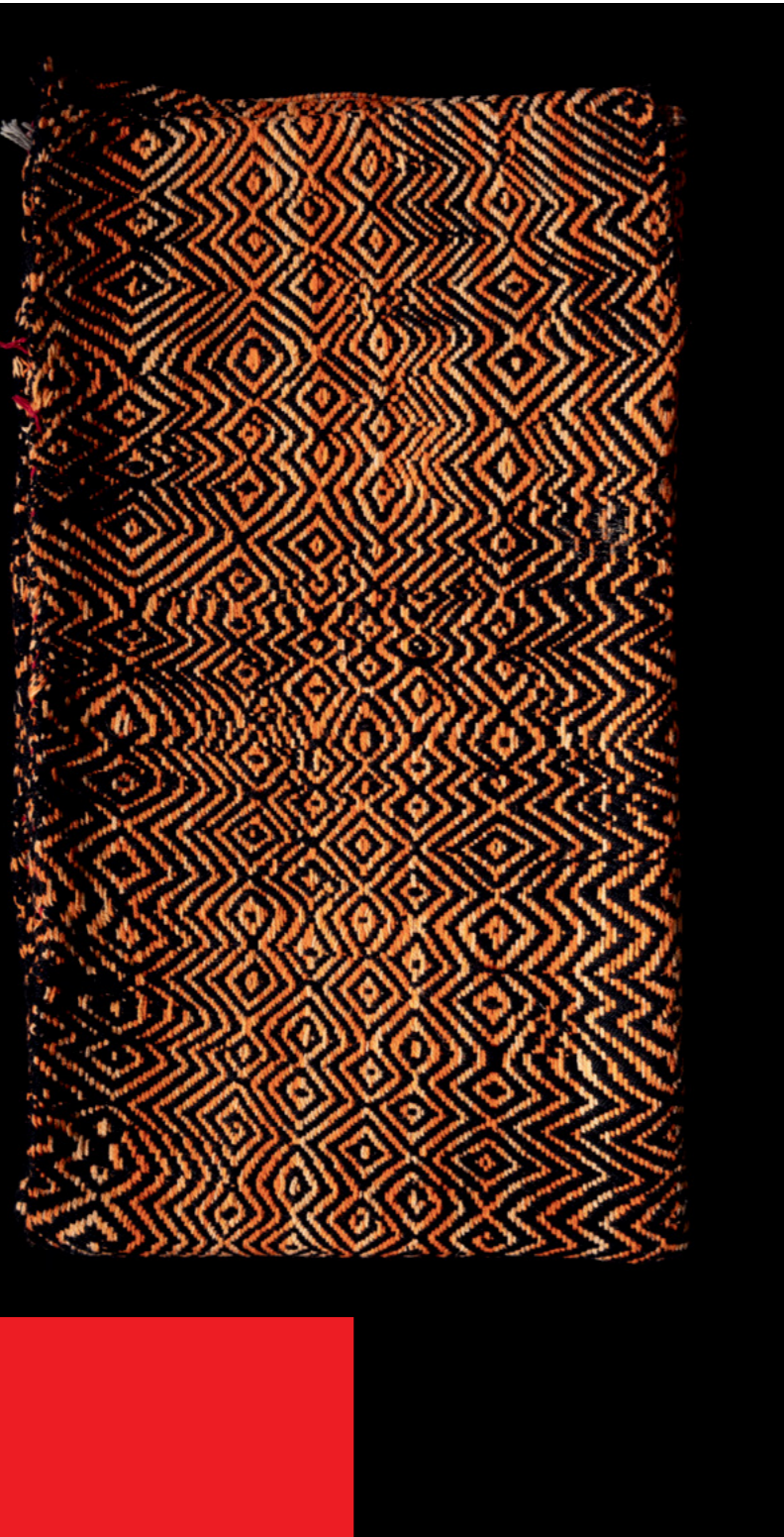
## Escola Viva Huni Kuĩ

COORDENADORES: DUA BUSË E TERESA NETË

A Escola Viva Huni Kuĩ é um sonho do pajé Dua Busë. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. Dua Busë possui profundos saberes da cultura Huni Kuĩ – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes. Em sua aldeia, ele criou um grande jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. Netë, sua companheira, é também uma mestra artesã e conhecedora dos *kenes*, grafismos sagrados que carregam histórias ancestrais em cada traço. Além do Parque União da Medicina, a Escola Viva mantém oficinas de tecelagem e práticas de cuidado com a comunidade, conduzidas por Netë e outras mulheres.

Shubu Hiwea é um conceito que vem do povo Huni Kuĩ para todo o movimento Escolas Vivas. Ele reconhece a conexão entre a transmissão de conhecimentos e toda a vida que existe nos territórios, em diálogo com seres humanos e não humanos.

*Que todos nós, indígenas, possamos alcançar alegria, nosso trabalho, nossa cultura, nossa tradição. Todos os vários indígenas que nós temos no Brasil, toda a nossa nação, não apenas um parente.*  
**Dua Busë**



Escola Viva Huni Kuĩ  
*Sampu tarê Huni Kuĩ em tecelagem, s.d.*  
Trançado de algodão  
124 x 76 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Retrato de Ayani Huni Kuĩ na residência Casa Escola Viva, 2025  
Bloco Escola, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro  
FOTO: CALEIDOSKÓPIA/ELEA MERCURIO



Ayani Huni Kuĩ  
*Yube Kate (Kene), 2025*  
Tinta acrílica sobre tela  
108 x 174 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Rua Yube Huni Kuĩ  
*Sewi tixwô (tietatê), 2025*  
Nanquim sobre papel  
21 x 29,7 cm

# ARANDU PORÃ

## Escola Viva Guarani

COORDENADOR: CARLOS PAPÁ



Kauê Karai, Bruno Djeguaka e Suri Jera  
*O sono do guerreiro, 2025*  
Tinta acrílica sobre tela  
158 x 288 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA

O povo Guarani habita a região meridional da América do Sul em um amplo território, no qual se sobrepõem as terras do Paraguai, do Brasil, da Argentina, do Uruguai e da Bolívia. Os Guarani nomeiam toda essa região, para além das fronteiras políticas atuais, como uma parte da ampla *Yvy Rupa*, “o leito da Terra”. No território do rio Silveira, onde se localiza a Arandu Porã, os jovens se fortaleceram quando perceberam a importância da Escola Viva e, através desse acordamento, começaram a cantar, a entender códigos e a praticar saberes que estavam silenciados. A Escola Viva é uma ferramenta para trazer essa educação milenar, uma educação de respeito, uma educação de saúde, uma educação do andar, do falar e do olhar.

*Através da Escola Viva pode ter experiência com os mais velhos sobre a importância da vida e de trazer a valorização dos conhecimentos da nossa tradição. E, com muito esforço, isso vem sendo praticado.*  
**Carlos Papá**



Carlos Papá, Cristine Takuá, Fabiano Kuaray, Alexandre Wera e Bruno Djeguaka  
*Piratininga é território indígena, 2024*  
Tinta acrílica sobre tela  
390 x 160 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA

Oficina na Arandu Porã, Escola Viva Guarani, 2026  
FOTO: ACERVO SELVAGEM



Fabiano Kuaray  
*Palmito-amargo (Syagrus oleracea), 2024*  
Caneta Hidrográfica, lápis, guache e aguada sobre papel  
59,4 x 42 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



# APNE IXKOT HĂMHIPAK

Escola Viva Maxakali  
COORDENADORES: SUELI MAXAKALI E ISABEL MAXAKALI



Tavinho Maxakali  
Sem título [detalhe], 2024  
Lápis sobre papel  
29,7 x 21 cm

# BAHSERIKOWI, CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA

Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka  
COORDENADORES: JOÃO PAULO TUKANO, IVAN TUKANO E CARLA WISU



Rolando Maxakali, Isael Maxakali, Erismar Maxakali, Veronildo Maxakali, Mamei Maxakali, Marcinho Maxakali e Sueli Maxakali  
*Máyon nãg penãhã – Olhando estrela*, 2026  
Tinta acrílica sobre tela  
175 x 220 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Mamei Maxakali  
*Xáinin xatix – Espírito morcego*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
148 x 170 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA

Thais Desana  
*Dihku Mahsô Numiô – Mulher Maniwa (mandioca)*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
160 x 90 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A fundação do Bahserikowi em Manaus foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas, e para promover o respeito sobre a medicina indígena. Atualmente, o Bahserikowi é uma referência nacional de cuidado de saúde com as tecnologias genuinamente indígenas. Os especialistas que atuam no Centro de Medicina, os *kumuã*, são originários dos povos Yepamahsã (Tukano), Utãpirô-Porã (Tuyuka) e Umukori-Mahsã (Desana), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquiê, afluente do rio Uaupés, Alto Rio Negro. O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O *kumu*, especialista em cura, fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com plantas medicinais e com *bahsese*, também conhecidos como benzimentos.

*Eu sou de uma família de especialistas como yaiwa e kumuã. E atualmente somos os fundadores do primeiro Centro de Medicina Indígena Bahserikowi do Amazonas. Somos um centro de referência também para outros povos indígenas, para que possam se expelhar e assim criar os seus próprios espaços de cuidado em saúde e cura.*  
João Paulo Tukano



Thais Desana  
*Cobra canoa*  
[detalhe], 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
29,7 x 42 cm

A Escola Viva Maxakali nasceu com a retomada da Aldeia Escola Floresta, hoje reconhecida como Terra Indígena. Reúne 327 pessoas em um projeto que articula reflorestamento, oficinas culturais e encontros de pajés. Os Maxakali são habitantes ancestrais das florestas que cobriam todo o leito dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, na região compreendida, hoje, como nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia.

A Aldeia Escola Floresta é o território mais recente desse povo e foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni, em Minas Gerais. Isael costuma dizer que a verdadeira casa dos Maxakali, a “aldeia de verdade”, só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos Yãmíyop, os povos-espírito da Mata Atlântica, e que a vida nesses lugares – na aldeia e na floresta – é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais: é sua escola viva, portanto. Eles evocam, assim, o projeto comunitário que almejavam há muito tempo, e que se impulsiona pela reivindicação dos Maxakali por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande.

*Nós não estamos inventando a Escola Viva, já tinha há muitos anos. A floresta ensina nós, ensina o pajé, e nós, jovens, aprendemos com o pajé. Por que eu escolhi o nome “Aldeia Escola Floresta”? Porque aldeia é escola. Porque tem tudo dentro do nosso território indígena.*  
Isael Maxakali



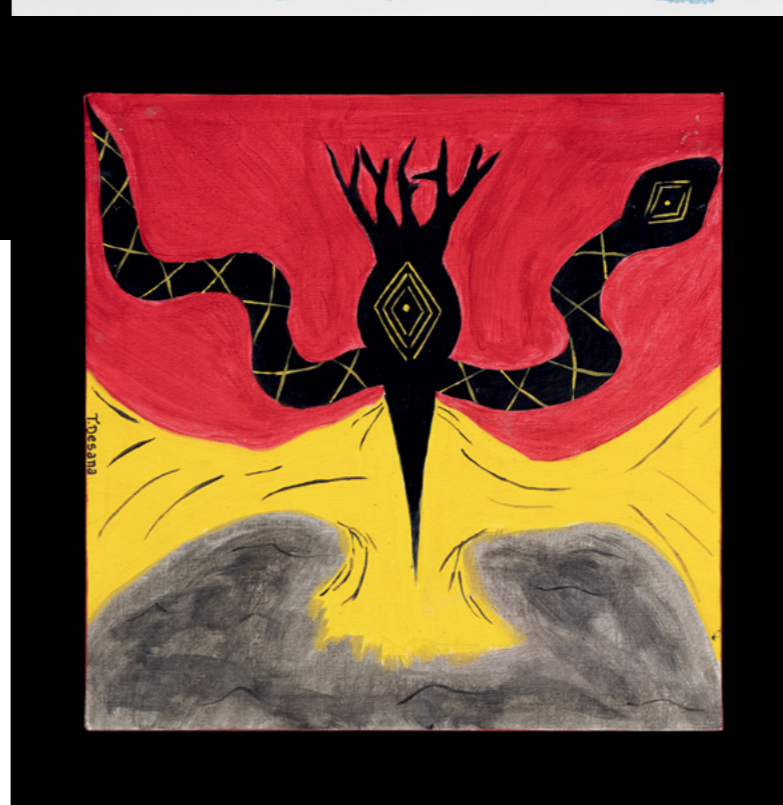
Ritual na Aldeia Escola Floresta, s.d.  
FOTO: ACERVO ESCOLA VIVA MAXAKALI



Thais Desana  
*Noite da origem da vida*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
40 x 30 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Ivan Tukano  
*Pamuri yãhkãsu: uma viagem cosmológica dos futuros humanos*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
100 x 162 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Thais Desana  
*Yebã Buro – Avô do universo: Primeira mulher Desana*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
30 x 30 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Ivan Tukano  
*Banco Tuliano e faraguina*, 2025  
Nanquim sobre papel  
20 x 30 cm

# MADZEROKAI, CASA DOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS

Escola Viva Baniwa  
COORDENADORES: FRANCY BANIWA  
E FRANCISCO FONTES BANIWA



Larissa Baniwa e Francy Baniwa  
*A vingança entre cutinãdos*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
217 x 170 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA

A Escola Viva Baniwa nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro *Umbigo do mundo*, publicado pela Dantes Editora, em 2023, de Francy Baniwa em diálogo com seu pai, Francisco Luiz Fontes Baniwa (Matsaape), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão Frank Fontes Baniwa (Hipattairi), autor das 74 aquarelas. A Escola Viva Baniwa nasceu, assim, por meio das narrativas que são nosso guia para viver bem, e hoje se estabeleceu como uma grande conquista para o povo Baniwa, que está no Noroeste Amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

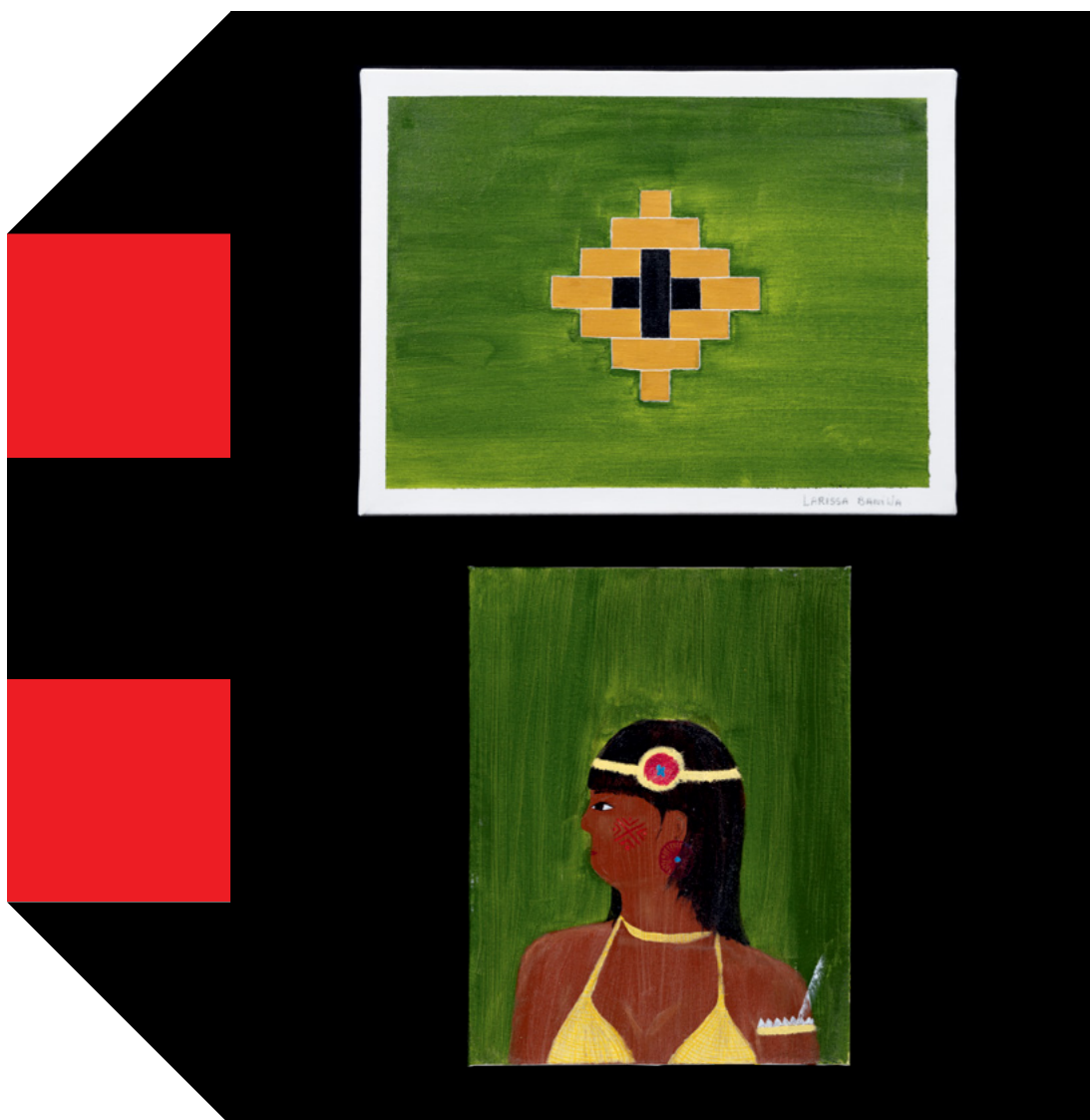
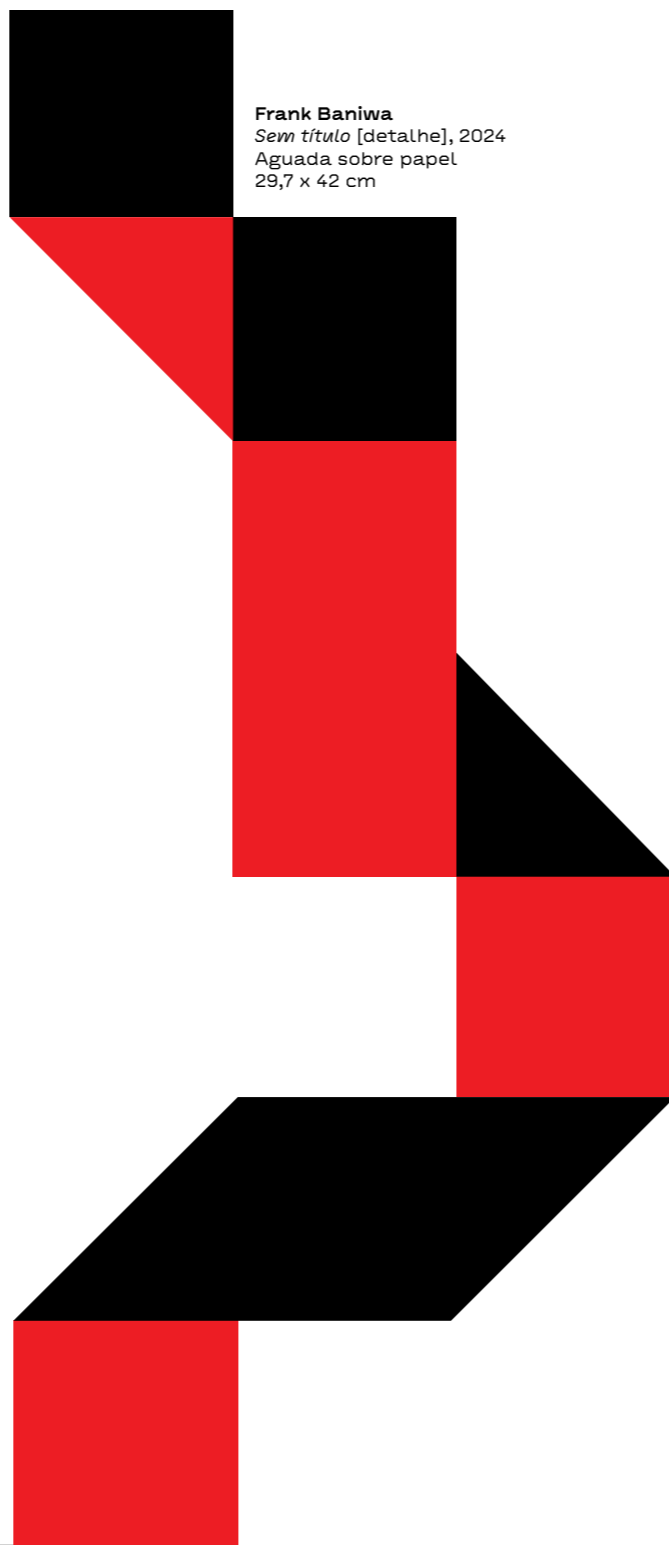
A Escola Viva Baniwa se destaca pelo trabalho comunitário, com grande envolvimento de toda a comunidade, atividades de roça e plantio, transmissão de saberes diversos para os mais jovens, valorização dos mestres e mestras do saber, intercâmbios com a escola regular do território e a ativação de um novo espaço para realizar as atividades e promover o despertar das memórias ancestrais.

*Tudo o que somos e o que fazemos na comunidade dentro das nossas casas é escola viva. Todas as cestavias, a arte de cortar a palha, de pescar, de limpar o peixe, de cuidar da roça, tudo isso. O meu pai é uma escola viva. Os meus tios e professores são escolas vivas. Todas as roças são escolas vivas.*

Francy Baniwa



Frank Baniwa  
*Sem título [detalhe]*, 2024  
Aguada sobre papel  
29,7 x 42 cm



Larissa Baniwa  
*Sem título*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
30 x 40 cm

*Sem título*, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
35,5 x 26,5 cm  
FOTOS: RICARDO MIYADA

Frank Baniwa  
*Sem título*, 2024  
Lápis e caneta  
hidrócor sobre papel  
30 x 40 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Placa de sinalização em português e em Maxakali, Aldeia Escola Floresta, 2024  
FOTO: RICARDO MIYADA

Sem a terra não tem escola diferenciada. Sem a terra não tem saúde diferenciada. Porque nós lutamos para conquistar a terra. Realizamos nosso sonho e hoje vamos criar muitos projetos em cima da terra. Da nossa terra.

Por que nós chamamos Aldeia Escola Floresta? Porque onde tem aldeia, tudo é "sala de aula". Onde tem árvore e sombra é "sala de aula". As crianças vão cantar o nosso ritual. Imitam. Na beira do rio, elas vão brincar, cantar e escrever na areia. Tudo é "sala de aula" dentro da aldeia. Todos os homens vão para dentro do mato, e vão cantando. Vão tirando madeira e vão cantando. Por isso, colocamos o nome Aldeia Escola Floresta, porque toda a aldeia é escola. Onde tem sombra, as mulheres vão se juntar e fazer os artesanatos. As crianças vão chegando, ficam do lado, escutando e aprendendo também. A aldeia inteira é escola. Onde tem casa de ritual é escola verdadeira, muito importante. Vai ter canto, história, cultura, comida tradicional. Nós, comunidade da Aldeia Escola Floresta, queremos terra para Yämíxop, para crianças, para o futuro. Porque nós nascemos todos juntos com a floresta, nascemos todos juntos com a caça.

Essa terra é nossa mãe porque ela alimenta a todos nós. Os nossos cantos registram todas as caças. Alguns bichos que perdemos, o canto registra. E os desenhos também representam os animais. Tem bichos grandes que perdemos, mas registramos os seus nomes. Nosso canto fala seus nomes.

Nós, Maxakali, somos sofredores, mas nossos Yämíy nos acompanham. Todos os dias os Yämíy saem comigo, com todos os Maxakali.

# PALAVRAS-SONHO

DE ISABEL MAXAKALI



Oficina na Aldeia Escola Floresta, 2024  
FOTO: RICARDO MIYADA

Por que eu falo Aldeia Escola Floresta?

Se eu sair daqui, se eu for para o mato, o meu Yämíy está me acompanhando, eu vou cantando dentro do mato. Se eu brincar no rio, outro Yämíy vai me acompanhar. Eu vou imitar qualquer bicho: peixe, jacaré, andorinha, vou fazer seus cantos. Por isso é que chamamos Aldeia Escola Floresta. Aqui, a minha casa é escola, porque estamos passando o nosso conhecimento para os jovens que estão aprendendo agora.

Nós somos professores. Nós estamos falando. Eles estão escutando as falas. Pegamos a palavra boa para esperar a nossa memória, para não cair. Tem que crescer. Ter o conhecimento diferente, pegar o outro conhecimento para crescer a Aldeia Escola Floresta.

Nosso sonho é pegar a terra e recuperar. Porque ela precisa ser curada, precisa de tratamento. Porque a terra é viva. Terra fala, terra olha a gente e terra grita. Mas o fazendeiro não escuta o que a terra está gritando, que precisa de socorro. Por isso nós queremos reflorestar, e fazer a Aldeia Escola Floresta.

Isael Maxakali



Veronildo Maxakali, Ronaldo Maxakali, Marcinho Maxakali e Voninho Maxakali  
Mimãññw ÿñññññññ ÿññ  
Mimãññw é de ÿñññññññ, 2026  
Tinta acrílica sobre tela  
115 x 170 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Ayani Huni Kuí  
Mãe Músha Shãmáti (Kene), 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
133 x 163 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA



Thais Desana  
Hukaviru - Sopra da vida, 2025  
Tinta acrílica sobre tela  
109 x 172 cm  
FOTO: RICARDO MIYADA

# AVÓS

Os Avós são os guardiões das boas e belas mensagens sopradas em palavras, contadas em narrativas antigas ou transformadas em artes que animam o nosso caminhar. Evocar os Avós, escutá-los e ver suas ativações é acessar outros códigos, sentir a ancestralidade que habita em suas antigas mensagens. Quando um avozinho pega seu maracá e entoa, através dos cantos, os rezos de cura e proteção, ou quando as avozinhas recebem com seus cantos os nenezinhos que chegam ao mundo, eles estão fazendo pontes entre os mundos: entre o dos humanos e o dos espíritos.

Para a exposição *Viva Viva Escola Viva*, convidamos alguns avozinhos para trazer essa força da memória ancestral: Ehuana Yanomami, Tõrãmu Kêhíri (Luiz Lana), Moisés Piyãko e Ailton Krenak. Eles são conhecedores da sensível sabedoria dos que buscam sentir a própria sombra.

## EHUANA YANOMAMI

Ehuana Yaira Yanomami é uma líder Yanomami, artista, pesquisadora e mãe de quatro filhos. Ela nasceu, cresceu, teve seus filhos e continua a viver na Floresta Amazônica, na região de Demini (Amazonas). Por volta dos dez anos de idade, começou a estudar na escola indígena de sua comunidade, onde aprendeu a escrever em sua língua nativa, o yanomae. Ehuana tornou-se a primeira professora de sua comunidade em 2010, quando começou a participar de diversas pesquisas e produções de livros em yanomae, sendo autora de *Yipimuwí thẽã oni: palavras escritas sobre menstruação* (Saberes Indígenas, 2017). Através desses projetos, ela começou a ilustrar livros, revelando seu talento como artista. Desde 2017, cria desenhos e pinturas que retratam seu cotidiano como mulher da floresta. Ela também se inspira em sonhos, dada sua forte capacidade de sonhar, por ser filha de um xamã.

Ehuana se destaca como uma das poucas líderes femininas entre os Yanomami e tem conquistado crescente reconhecimento por coordenar o Encontro de Mulheres Yanomami, realizado anualmente na Terra Indígena Yanomami. Além disso, participa de eventos voltados para públicos não indígenas, nos quais discorre sobre a força das mulheres Yanomami, as lutas contra a mineração ilegal e pela saúde de seu povo, e a defesa da floresta onde nasceu, cresceu e cria seus filhos.

*Se vocês virem a forma como nós, Yanomami, pensamos, se vocês virem isso, irão nos ajudar. Eu penso sobre isso quando faço minha arte.*  
**Ehuana Yanomami**

## MOISÉS PIYÃKO

Moisés Piyãko é uma respeitada liderança espiritual do povo Ashaninka que vive na aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, no Acre, Brasil. Ele é um guardião dos saberes ancestrais, da cultura e da floresta, transmitindo conhecimentos sobre a história de seu povo, a espiritualidade e a relação com a natureza.

*A Escola Viva... hoje, tem muitas pessoas se interessando em aprender e entender o que é isso, para poder viver também. Até mesmo para poder respeitar mais. Muitas vezes, eles não são culpados, porque a gente às vezes não entende, não sabe como respeitar, não sabe como conduzir isso. Agora, está chegando o momento em que as pessoas estão tendo uma oportunidade para entender o que é isso. Eu vejo que a nossa Escola Viva não começou aqui [...] ela é bem antiga.*  
**Moisés Piyãko**

## AILTON KRENAK

Ailton Krenak é pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *O amanhã não está à venda* (2020), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro ancestral* (2022), todos pela Companhia das Letras, e *Um rio um pássaro* (2023), pela Dantes Editora. Em 2022, foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras.

*Ninguém está falando em educação escolar aqui. Para quem vê de longe, pode entender que estamos elaborando um projeto pedagógico, um plano de educação para as nossas comunidades ou para os não indígenas. Mas não é nada disso. Esta é uma experiência de apoiar mestras e meatra dos saberes ancestrais, aquelas e aqueles que vivem o exercício do fazer. Nosso apoio acontece para que elas e eles possam continuar transmitindo seus saberes.*  
**Ailton Krenak**, no caderno *Selvagem O coração expandido das Escolas Vivas*

## TÕRÃMU KÊHIRI (LUIZ LANA)

Tõrãmu Kêhíri, conhecido como Luiz Gomes Lana, escritor indígena reconhecido por colocar no papel a mitologia do povo Desana, nasceu em 1947, na comunidade São João Batista, às margens do rio Tiquié, na Terra Indígena Alto Rio Negro, interior do Amazonas. Ao longo de sua vida, tornou-se um líder indígena importante da região.

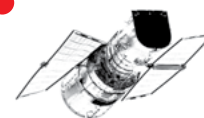
Em 1980, Luiz Lana lançou a obra *Antes o mundo não existia*, que escreveu em conjunto com seu pai, Firmiano Arantes Lana, ou Umúsin Panlôn Kumu. A antropóloga Berta Ribeiro foi quem datilografou e revisou o livro, escrito à mão em um caderno de Luiz. Anos depois, o livro foi publicado em nova edição pela Dantes Editora, como parte da família de livros *Selvagem*, incluindo uma revisão de termos e novas ilustrações feitas pelo autor.

Em 1990, fundou a União das Nações Indígenas do Rio Tiquié (Unirt) que, além dos Desana, era composta pelos povos Tukano, Bará e Barasana.

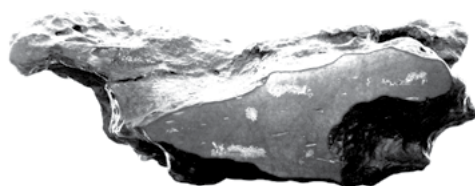
Se existe um fio da memória, Tõrãmu o tem em suas mãos e pode desfirá-lo até um outro mundo, antes do mundo existir.

Tõrãmu Kêhíri nos mostrou que as perguntas “quem sou?” e “de onde vim?” são incógnitas somente para os brancos, pois ele sabia muito bem da sua origem. Ele veio das estrelas, era um Kêhíriporã, filho do desenho do sonho, do povo Desana ou Umukomahsã, gente do universo, descendente de Yebá Buró, a avó do mundo.

# Como o céu afeta a vida da Terra?



## Chegou o CADERNO-ENSAIO 5: CÉU, nova publicação do Instituto Tomie Ohtake



Disponível na loja virtual e no Instituto Tomie Ohtake.

### VIVA VIVA ESCOLA VIVA

**Realização**  
Instituto Tomie Ohtake  
Associação Selvagem

**Curadoria**  
Cristine Takuá,  
em colaboração com  
os coordenadores  
das Escolas Vivas

**Acompanhamento  
Institucional**  
Lahayda Lohara  
Mamani Poma

**Produção**  
Associação Selvagem  
Madeleine  
Deschamps  
Instituto Tomie Ohtake

Ana Laura e Silva  
André Luiz Bella  
Carolina Pasinato  
Clara Alves Machado  
Rodolfo Borbel  
Pitarelo  
Tamara da Silva  
Pereira  
Victor Ferraz

**Coordenação  
de Montagem**  
Rodolfo Borbel  
Pitarelo

**Projeto Expográfico**  
Associação Selvagem  
Anna Dantes  
Instituto Tomie Ohtake  
Lígia Zilbersztein  
Rian Tito

**Design Gráfico**  
Catê Bloise  
Pedro Lemme  
Tie Ito  
Vitor Cesar

**Revisão**  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Victor Negri

**Tradução**  
Victor Negri

**Acessibilidade**  
Cristina Kenne  
Janela Produtora

**Montagem Final**  
Manuseio Montagem  
e Produção Cultural

**Museologia**  
Thalita Noce  
Leila Antero  
Luiz Quintanilha

**Cenotecnia**  
Katiana Aleixo  
Cenografia

**Iluminação**  
Âmbar Locação  
e Serviços de  
Iluminação –  
Marcos Franja

**Molduras**  
Capricho Molduras

**Pintura**  
WCA Pinturas  
e Decorações

**Audiovisual**  
Fusãoáudio

**Seguro**  
Howden Brasil

### ASSOCIAÇÃO SELVAGEM

**Direção**  
Anna Dantes

**Direção de Produção**  
Madeleine Deschamps

**Coordenação  
das Escolas Vivas**  
Cristine Takuá

**Coordenação das  
Aprendizagens**  
Veronica Pinheiro

**Coordenação das  
Traduções**  
Alice Faria

**Coordenação  
do Acervo**  
Daniel Grimoni

**Colaboração em  
Desenho Gráfico**  
Tania Grillo

**Comunicação**  
Helena Young

**Administrador  
Financeiro**  
Lucas Wagner

### Colaboração Especial

Ailton Krenak

### Coordenadores das Escolas Vivas

Carlos Papá  
Arandu Porã –  
Escola Viva Guarani  
Sueli Maxakali  
e Isael Maxakali  
Apne Ixkot Hãhhipak,  
Aldeia Escola Floresta –  
Escola Viva Maxakali  
Francy Baniwa  
e Francisco  
Fontes Baniwa  
Madzerokai, Casa  
dos Conhecimentos  
Ancestrais –  
Escola Viva Baniwa  
Dua Busê e Teresa Netê  
Shubu Hiwea –  
Escola Viva Huni Kuí  
João Paulo Tukano, Ivan  
Tukano e Carla Wisu  
Bahserikowi,  
Centro de Medicina  
Indígena – Escola Viva  
Tukano-Desana-Tuyuka

**Filmes das  
Escolas Vivas**  
Caleidoskópica  
Produções

**Agradecimentos  
especiais** aos Yuxibu,  
Ija Juery, Yãmíyxop  
e Wai-mahsã.

**Agradecimentos**  
Ailton Krenak, Alain  
Arnaudet, Ana Maria  
Machado, Carolina  
Comandulli, Caroline  
Vabret, Cesar Mancilha  
Carvalho Pedigone,  
Cristiane Muniz Araujo,  
Daniel Jabra, Denise  
Milfont, Ediane Hirte,  
Iona Zalcborg, Livia  
King, Maíra Pappiani  
Lacerda, Marcela Thiemi  
Andrade Korogi, Marcio  
Calvão, Mario Altamiro  
Offenburger Guimaraes,  
Marion Loire, Olivia  
Silveira, Paula Berbert,  
Paulo Miyada, Paloma  
Salvan, Rafael Cruz,  
Rodrigo Fiães, Rosseline  
Tavares, Sébastien  
Prat e Vidi Descaves.

**Agradecimentos  
Institucionais**  
Embaixada da França  
no Brasil, Instituto  
Comadre, Instituto Paz,  
Museu de Arte Moderna  
do Rio de Janeiro (MAM  
Rio) e VEJA Shoes.

O Instituto Tomie  
Ohtake realizou todos  
os esforços para  
encontrar os detentores  
dos direitos autorais  
incidentes sobre as  
imagens/obras aqui  
publicadas. Caso  
identifique algum  
registro de sua autoria,  
solicitamos o contato  
pelo e-mail [instituto@  
institutotomieohtake.  
org.br](mailto:instituto@institutotomieohtake.org.br).

### JORNAL

**Coordenação**  
Instituto Tomie Ohtake

**Textos**  
Anna Dantes  
Ana Roman  
Cristine Takuá  
Lahayda Lohara  
Mamani Poma

**Projeto Gráfico**  
Catê Bloise  
Pedro Lemme  
Tie Ito  
Vitor Cesar

**Revisão**  
Daniel Grimoni  
Divina Prado  
Isabela Maia  
Victor Negri

**Fotos**  
Acervo Escola Viva  
Maxakali  
Acervo Selvagem  
Caleidoskópica  
Produções/  
Elea Mercurio  
Pepê Schettino  
Ricardo Miyada

**Impressão**  
Ipsis Gráfica e Editora

ISBN  
978-65-89342-79-3

Mantenedor institucional



Cota Prata

Acesso Tomie



Apoio de mídia

Realização

